



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## LEITURA DA POESIA AMAZÔNICA E DESOBEDEIÊNCIA EPISTÊMICA

José Eduardo Martins de Barros Melo<sup>1</sup>

### 1. Introdução: Construindo a desaprendizagem

A reordenação de fatos e teorias no mundo dos estudos literários é, no mínimo, algo curioso. Constantemente nos deparamos com novos e retomados olhares sobre o texto que nos levam a caminhos completamente diferentes daquele que rotineiramente seguimos.

No caso da poesia esta constatação é uma constante dada a sua natureza e a sua função. Penso que a forma como enxergamos a literatura exija um exercício constante de idas e vindas ao texto e a identidade que ele expressa, principalmente quando esta identidade se faz por meio de uma desobediência teórica que se manifesta em pontos divergentes ao estudo colonialista a que se vincula a tese do conhecimento canônico.

Neste sentido, a construção do chamamento para a leitura da poesia na Amazônia considera o quadro de “desobediência epistêmica” enquanto “opção descolonial” por buscar o significado de uma identidade em política que só (e somente só) acontece quando, na prática, o sujeito assume a sua identidade teórica a partir do processo de deslegitimação das bases formadoras do eurocentrismo, tal como aponta Walter D. Mignolo em seu conhecido artigo e principalmente no argumento que utiliza para escrevê-lo. Vamos a ele:

O argumento deste artigo se baseia em duas teses inter-relacionadas. A primeira tese, a identidade na política (melhor do que política de identidade), é um movimento necessário de pensamento e ação no sentido de romper as grades da moderna teoria política (na Europa desde Maquiavel), que é \_ mesmo que não se perceba \_ racista e patriarcal por negar o agenciamento político às pessoas

<sup>1</sup> Prof. Dr. Universidade Federal de Rondônia. edubarmel@hotmail.com





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

foram racializados (ou seja, sua óbvia humanidade foi negada). Dessa maneira, por “Ocidente” eu não quero me referir à geografia por si só, mas geopolítica do conhecimento.

Nesta linha de raciocínio, transportando a visão colonial para os nossos limites e talvez por ignorância, desconheço qualquer avanço neste terreno em direção às leituras que precisam ser realizadas da literatura de Rondônia, Acre, Roraima e Amapá, que, neste aspecto, ficam bem atrás de outros da mesma região.

Talvez a dificuldade de definição geográfica do próprio modelo justifique essa postura, que provavelmente ainda perdurará. Se de alguma forma tivéssemos que optar por alguns critérios para definirmos o que entendemos como poesia amazônica, certamente esse seria o nosso primeiro problema porque passados mais de quinhentos anos do nosso “achamento” a crítica não se entende e os críticos menos ainda, o que neste caso revela o quão frágil é a relação entre o texto poético e os seus estudiosos.

Se entendermos como Amazônica a região formada pelos sete estados do norte brasileiro teremos uma literatura formada por Rondônia, Acre, Amazonas, Roraima, Amapá, Tocantins e Pará, sendo esta região a maior do país e a que possui menores indicadores de desenvolvimento dentro da ótica capitalista ou de “identidade política”, como reflete Mignolo.

Se por outro lado adotarmos como limites dessa definição o contorno geoeconômico adotado pelo Governo Federal em 1966, (Amazônia Legal) o quadro muda significativamente e a ela são acrescentados os estados do Mato Grosso e Maranhão e isso altera sobremaneira os nossos estudos porque a ela serão incorporadas obras anteriormente excluídas deste contexto.

Da mesma forma se adotamos apenas os estados que se encontram no extremo norte do país porque teremos tão somente Rondônia, Acre, Pará, Amapá e Amazonas, o que reduz bastante o número de obras a serem analisadas, embora muitos aleguem que efetivamente essa seja a região a ser considerada.





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

novas obras, em que critérios e normas seriam revistos e reanalisados, promovendo a quebra das normas de poder líteropolítico, como propõe o autor da desobediência epistêmica.

## 2. Desobediência epistêmica e poesia na Amazônia

Penso que a superação da carência que se tem de obras publicadas especialmente sobre o tema esclareça de vez esses critérios de delimitação geográfica e/ou de marcação telúrico-cultural e resulte num estudo mais aprofundado sobre esta poesia, de forma mais ampla, sobre esta literatura, no sentido de promover a partir desta reordenação os critérios genuínos de cada uma dessas culturas. O Mapa Cultural surge como uma primeira possibilidade de visualizarmos de maneira ordenada a produção literária em Rondônia e pode se expandir para outros estados da região.

Por este caminho, aceitando-se que a opção seja considerar para efeito dos estudos literários os limites geoeconômicos e, portanto, a produção dos sete estados em questão, volta-se no tempo até o século XVIII onde se encontram os primeiros registros dessa poesia. Assim se constroem as referências a várias obras que a crítica consagrou em nosso cânone e algumas que preferiu ignorar. Certamente o aspecto inovador de quem olha aguça o poder transformador do texto lido, cuja leitura poderá ressurgir por meio de novas e involuntárias vertentes da cultura no sentido de deslegitimar os critérios utilizados até então.

É o que se tem da análise das obras do paraense Inglês de Sousa e dos maranhenses Gonçalves Dias, Sousândrade e Ferreira Gullar, que foram consagrados por uma leitura mais sistemática de seus textos dentro de uma base teórica de olhar colonialista, assim como pelo que se considera o primeiro poema amazônico, o Muhuraida, longo poema épico de Henrique João Wilkens dedicado a João Ribeiro Caldas, escrito por volta de 1785 e publicado pela primeira vez nos anos de 1819.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

Ressalte-se que no período de sua construção o discurso colonial não utilizava sequer a expressão “amazônica” para designar a região e costumava utilizar expressões como Maranhão, Grão-Pará e Rio Negro, o que remete às questões de delimitação política ideológica que frisamos anteriormente.

O *Muhuraida* é, portanto, um primeiro poema dentro de um primeiro contexto que se altera geograficamente ao longo do tempo. Seu tema é o poderio militar português e a organização do índio mura na defesa de suas posses. É o poema que sucede a escrita hegemônica de *O Uruguay* de Basílio da Gama (1769) e o *Caramuru* de Santa Rita Durão (1781) e é sucedido por *Yacala* de Alberto da Cunha Melo (1999).

Seus 1072 versos, em seis cantos e 134 oitavas só recebem alguma atenção da crítica no estudo *A Muhuraida* de Mário Ypiranga Monteiro, professor de literatura amazonense, publicado no “Jornal de Letras” de Manaus, em 1966, e na atualidade em estudos acadêmicos realizados a pretexto de dissertações de Mestrado e teses de doutorado.

Por outro lado, esta poesia desconhecida e ignorada não tardaria a revelar sua importância no início do século seguinte, com o advento do Romantismo, em que parte da primeira e da última geração surgiu em terras maranhenses, nas figuras de Gonçalves dias e Joaquim Maria de Souza Andrade, este só recentemente redescoberto pelos irmãos Campos em estudo publicado juntamente com os escritos do poeta sob o título de *Re-visão de Sousândrade*, em 1964.

Mais tarde o mesmo estado nos daria um poeta do quilate de Ferreira Gullar que escreveu extensa obra e contribuiu decisivamente para os rumos de nossa literatura posterior à última geração modernista de 1945. Essa poesia, entretanto, não estaria vinculada a nenhum dos dois critérios que vimos inicialmente: por um lado, pelos padrões estéticos que privilegia uma cultura eurocêntrica e por outro pelos aspectos ainda conservadores.



x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

No entanto, não são estes autores já consagrados ao longo dos anos que parecem incomodar e gerar certo desconforto a leitores, produtores e estudiosos de literatura na região. O que gera o mal-estar parece ser a convicção de que o estado do Maranhão não faz parte da região e que fora os do Maranhão muito pouco da poesia aí produzida pelos demais estados mereceram atenção da crítica, embora muita coisa tenha sido produzida tanto pelos nativos como pelos que imigraram das diversas regiões do país.

Nesse sentido, no campo da poesia, só teremos boas novas deste reconhecimento na figura do amazonense Thiago de Mello a partir dos anos de 1950 e mais enfaticamente nos anos 70 com a publicação dos *Estatutos do Homem*, texto bastante difundido e que o tornou popular nas rodas de crítica e leitura de poesia.

Fora o autor de Barreirinha pouquíssimo se registrou e se difundiu como obra poética de qualidade da região. Autores como Astrid Cabral, poeta e contista, vencedora do prêmio da Academia Brasileira de Letras no ano de 2004 com o livro *Rasos D'água* e Anibal Beça, autor de *Suíte para os Habitantes da Noite*, são quase desconhecidos do grande público e só circulam ainda de forma muito restrita em rodas de intelectuais e acadêmicos.

Mesmo quando se trata de um escritor como Milton Hatoum (1952) que tem sua obra em prosa referendada pela crítica, mas que estreou em 1979 na literatura como o livro *Imagens de um Rio entre ruínas* (poesia e crônicas), o processo não se altera tanto e o que escreveu como poeta é ainda desconhecido até mesmo dos circuitos acadêmicos.

Quando se trata de iniciativas coletivas, esta poesia sofre a mesma indiferença que outras de outras regiões do país, notadamente o Nordeste, cujos movimentos dos anos 70 e 80 ainda precisam de profunda leitura e revisão, em resumo, de uma nova perspectiva epistêmica tal como se encontra nas reflexões de Walter Mignolo.

Em se tratando desta questão serve como bom exemplo o *Clube da Madrugada* de Manaus fundado por Celso Melo, Luiz Bacellar, Francisca





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

## 2.1. A desobediência no Mapa

Trata-se de uma das mais sérias tentativas de registrar e refletir sobre esta produção literária do estado de Rondônia, que continua sem ter uma leitura crítica mais sistematizada, tanto do que foi produzido pelos que aqui nasceram quanto pelos que para cá migraram: O Mapa, que em princípio incorpora pela ousadia, o aspecto da desobediência, a partir do próprio objeto que procura investigar dentro de seus limites, assim se situa:

O Projeto Mapa Cultural de Rondônia produz reflexão e teorização como forma de explicar os fenômenos culturais em Rondônia. Com tal objetivo, tem oportunizado novos modos de olhar os problemas regionais e as reflexões a esse respeito, ancorando-se sempre no propósito de identificar e compreender as ações e atores na produção da identidade regional. Daí a opção por investigar a historicidade do regional no campo das suas práticas e discursos e a necessidade de que essas práticas e discursos estejam reunidos em acervos, cuja organização é o objetivo material do projeto.

Em função desses elementos, mas condicionada às atividades propriamente de pesquisa acerca da formação cultural, a equipe de pesquisadores vem mapeando o Estado por meio de suas manifestações culturais, coletando e catalogando objetos (peças literárias, iconográficas, documentais) e eventos, a fim de analisá-los, seja do ponto de vista histórico e antropológico, seja do ponto de vista essencialmente estético, quando for o caso. Isso explica o interesse do projeto por todo e qualquer documento de valor histórico ou artístico produzido em Rondônia, sobre Rondônia ou que mantenha alguma relação com o Estado, sejam estudos acadêmicos, obras literárias, obras musicais, peças folclóricas, artes visuais ou qualquer outro modo de manifestação cultural.

O objetivo imediato desse trabalho de arqueologia documental é localizar e organizar um acervo que contribua para a constituição do Mapa Cultural de Rondônia. Quer-se saber, além do percurso diacrônico, quem produz cultura e arte no Estado hoje, onde estão esses produtores e o que estão produzindo.

É de se perceber em seus objetivos que o projeto não se restringe à literatura, muito menos ao texto poético, mas no segundo caso é bem mais ambicioso. Na verdade, embora não se restrinja a produção literária, dedica a maior parte de seu trabalho a ela. Do próprio *Mapa* extraímos uma síntese provisória que certamente estará no texto final a ser publicado posteriormente:





x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

listados a partir de farta documentação e depoimento de muito dos envolvidos no processo de formação dessa literatura, senão, vejamos:

Na expressão da poeta e historiadora Eunice Bueno, “Se delimitarmos em tempo e espaço a literatura” de Rondônia teremos, por certo, de voltar ao início da formação do território e da cidade de Porto Velho, lembrando fatos que hoje misturam história e folclore como “O porto do velho ou O velho do Porto Santo Antonio”, as narrativas com alusão à Estrada de Ferro ou recorrer à história, “desde o marco inicial dos trilhos da Ferrovia Madeira Mamoré em 1907, a criação do termo judiciário em 1913,” e a instalação da sede do município em 1915. Estes eventos motivaram os primeiros registros históricos, os relatos sobre a fauna e a flora e apontamentos sobre aspectos geográficos, que ao se constituírem em fundamento de cultura, passam a dar substância à imaginação criativa.

Desconsideradas as publicações em inglês, feitas por funcionários da Ferrovia Madeira-Mamoré, tem sido costume apontar Vespasiano Ramos (13/08/1884 – 26/12/1916) como precursor ou fundador da literatura de Rondônia, fixando-se, em 1916, o seu marco inicial. Tudo porque, em dezembro daquele ano, chega Porto Velho pretendendo atingir um certo seringal Canadá e trazendo na bagagem o livro “Cousa Alguma” (1916).

Aqui, estaria por assim dizer a origem da literatura produzida em Rondônia, importada ao acaso e situada às margens dos seringais existentes na região segundo depoimento da historiadora. Do acaso, portanto, chega-se ao pretendido e já na década de 1980 o quadro parece sofrer significativa mudança:

...segundo Eunice Bueno, deve-se falar em manifestações literárias propriamente rondonienses, apenas a partir de 1981, observando “que até então, um reduzido número de obras haviam sido publicadas”]: Os desbravadores (1959), de Vitor Hugo; Risos e prantos (1978), de José Monteiro, Tudo X caçarola (1980), de José da Penha e a Antologia de poetas e escritores de Rondônia, publicada pela seção local da União Brasileira de Escritores. Entre os autores que então se apresentam, estão Bolívar Marcelino (1932), Matias Mendes (1949) Gesson Magalhães (1943) e Joaquim Cercino (1940), cujas obras estão marcadas por certo saudosismo, pela poesia de cunho sentimental e pelas formas tradicionais como o soneto. Também apegados à tradição, mas abertos a novos ares são Antônio Cândido (1941) e Sérgio Ricardo. Menos afeitos à tradição e ao passadismo são Kléon Maryan, José Calixto de Medeiros (1926), Viriato Moura, Aparício Carvalho e Deuta Silva Gomes (1959), cuja obra Relâmpagos de Emoções (1986) apresenta poemas prosaicos, cheios de emoções. Mais recentemente, outros autores vêm







x Simpósio Linguagens e Identidades da/na Amazônia Sul-Occidental  
VIII Colóquio Internacional “As Amazônias, as Áfricas e as Áfricas na Pan-Amazônia”

não alteram significativamente o quadro geral de leitura desta literatura, com todos os problemas que a cercam.

### 3. Conclusão.

Por este caminho da desobediência epistêmica é possível se situar o Mapa como a primeira tentativa de subversão da ordem no sentido de propiciar aos leitores um rol de escritores do estado de Rondônia sob o olhar crítico dos estudos acadêmicos que, de certa forma, encontra ressonância na desobediência epistêmica e procura novos critérios para o aprofundamento do processo de descolonização desta leitura, como apontam as reflexões de Edward Said em *Representações do intelectual* (1995, p.14): “uma das tarefas do intelectual consiste no esforço em derrubar os estereótipos e as categorias redutoras que tanto limitam o pensamento humano e a comunicação”.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

DUARTE, Osvaldo. Panorama da literatura rondoniense. In: \_\_\_\_\_. **Mapa Cultural de Rondônia: relatório técnico**. Processo 481005/2004-8. CNPq Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. Vilhena: Unir, 2007. Disponível em: <<http://www.mapacultural-ro.com.br>> Acesso em: 17 ago. 2016. Acesso em: 17 out. 2016.

MIGNOLO, Walter. **Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado** da identidade em política. Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade, Niterói, n.34, p. 287-324, 2008.

TELLES, Tenório e KRUGER, Marcos Frederico. **Poesia e Poetas do Amazonas**. Manaus: Valer Editora, 2006.

SAID, Edward W. **As representações do intelectual**. Lisboa: Edições Colibri, 1995.